

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2009 - ANO XII - Nº 144

Foto arquivo Pro-Memória

EDITORIAL

Todo verão, os meios de comunicação noticiam transtornos causados por chuvas nas áreas urbanas dos municípios brasileiros. Neste início de ano não tem sido diferente. Chove intensamente em quase todo o centro-sul do país. No final do ano passado, os brasileiros ficaram consternados com as inundações e deslizamentos ocorridos no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, que ceifaram a vida de mais de cem moradores. Esta tragédia pode se repetir em outras regiões do país.

No Vale do Paraíba, as enchentes estão cada vez mais fortes e, consequentemente, causando maiores danos à população. Concorrem para isso as mudanças climáticas e o aquecimento global por que passa o planeta. Os estragos causados pelas chuvas são, em grande parte, decorrentes do intenso processo de urbanização vivido no país, nas últimas décadas. A falta de recursos, de políticas habitacionais permanentes e de planejamento das cidades têm levado à ocupação de áreas com características geomorfológicas desfavoráveis, principalmente pela população mais empobrecida, resultando em graves situações de risco.

Pelos jornais, constatamos ser cada vez mais frequentes acidentes em áreas urbanas associados a enchentes e escorregamentos de encostas. Isto levou pesquisadores de diferentes áreas a se debruçarem sobre esses dados, a fim de se conhecer as causas e se propor soluções mitigadoras.

O IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas, órgão do governo do Estado de São Paulo, vem, há muitos anos, desenvolvendo trabalhos sobre identificação de riscos, o que resultou num mapeamento dessas áreas.

Piquete todo é considerado área de risco. Contribui para isto uso e ocupação irregular do solo: na cidade, dezenas de construções estão muito próximas aos rios, fincadas nos morros ou ao pé dos mesmos. Tais constatações são por todos conhecidas. Os problemas decorrentes das chuvas no país são ambientais. É preciso que os municípios priorizem o meio ambiente e, com ele, mantenham uma relação harmoniosa. Educação ambiental continuada é um grande passo para minimizar graves problemas no futuro.



Vista da Casa da Força, no interior da Fábrica Presidente Vargas, na década de 60.

2009: o centenário da FPV

Durante o ano de 2009, O Estafeta estará em suas páginas rendendo justas homenagens à Fábrica Presidente Vargas, que, em março deste ano, estará completando seu primeiro centenário.

Voltada para a Defesa Nacional, essa indústria bélica, pioneira na América Latina, foi a propulsora do crescimento de Piquete. Com toda certeza, o município foi salvo da insolvência pela instalação dessa indústria, recebendo grande impulso desenvolvimentista. Reflexos positivos puderam ser sentidos logo após o início de suas obras. Todos os moradores de Piquete, direta ou indiretamente, dela se beneficiaram.

Nos primeiros anos do século XX, o país começava a se industrializar e a instalação de uma fábrica química em Piquete proporcionou um salto qualitativo na vida de seus habitantes. De economia predominantemente agrária, o município assistia aos últimos estertores da cafeicultura. Sem emprego fixo, a população vivia de pequenas tarefas. Não havia geração de renda e os cofres municipais, vazios, não permitiam que obras públicas essenciais à vida da comunidade pudessem ser executadas.

O início das obras militares pelo Exército, em Piquete, encheu de entusiasmo seus moradores, que anteviam melhores tempos. Após a inauguração da Fábrica, o dia-a-dia da cidade mudou. A nova classe social formada por operários forçou a

criação de novos espaços urbanos, concorrendo para a transformação da cidade. Surgiram novos bairros, abriram-se ruas e avenidas, mudando-se o espaço público, onde o exercício da cidadania passou a ser praticado pela classe emergente.

Paralelamente, as atividades sociais pro-movidas pela Fábrica para seus funcionários e familiares eram, sem nenhum embaraço, extensíveis aos particulares. Relembremos quantas glórias o “Estrela de Piquete” trouxe à cidade e não à Fábrica. O nome de Piquete é que se alçava. O mesmo acontecia com a Banda de Música e seus dois “Jazz Band”. A educação, por meio do extraordinário “Departamento Educacional”, elevou piquetenses, filhos de operários ou não, aos mais diversificados ramos da vida nacional. Atendendo indistintamente, o mais bem aparelhado hospital da região, o da Fábrica, amenizou muitos sofrimentos. Também a cidade, nas horas tristes de sinistros acontecimentos na Fábrica ceifando vidas de operários, chorava, lamentosa, essas armadilhas do destino. Irmanavam-se todos na mesma dor, no mesmo luto.

Piquete ainda é a Fábrica. Fundem-se, embora a maioria da população, na atualidade, a ela não esteja diretamente ligada. A Fábrica é nosso símbolo. Que neste ano jubilar de seu centenário, toda ação seja para ela voltada. 2009 é o ano da FPV!

Imagem - Memória



Por duas vezes o Presidente Getúlio Vargas visitou as obras da fábrica de base dupla, em Piquete. Durante seu governo grandes investimentos foram feitos nessa importante indústria bélica voltada para a defesa nacional. Foto de 24 de outubro de 1940. À frente, da esq/dir: Cel. Monte, Cel. Aquino, o Presidente Getúlio Vargas e o Gen. Afonseca e Silva. Atrás, no centro, o Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra.

Visita presidencial

Durante a década de 1930, a Fábrica de Pólvora de Piquete passou por um processo de ampliação de suas instalações e aperfeiçoamento da qualidade de seus produtos, tudo de acordo com o progresso da técnica de fabricação de pólvoras e explosivos. Este trabalho foi fruto de um ambicioso projeto de técnicos da Fábrica, que contou com o apoio incondicional do Governo Federal. Entre alguns melhoramentos houve a montagem da fábrica de pólvora de base dupla, que proporcionou considerável acréscimo na produção em relação à capacidade anterior. Piquete, até então, só fabricava pólvora de base simples, para armas portáteis e alguns canhões de pequeno e médio calibre do Exército. Os canhões de grosso calibre e toda a artilharia naval atiravam com pólvora de base dupla, deixando em evidência a lacuna existente.

A importância da nova fábrica foi realçada com a presença do Presidente da República Getúlio Vargas, que a visitou por dois dias, em julho de 1939. A eclosão da Segunda Guerra Mundial acelerou o término das obras, uma vez que o país necessitava aumentar a produção bélica voltada para a defesa nacional.

Em outubro de 1940, o Exército executou uma grande manobra militar no Vale do Paraíba, e o Presidente Vargas veio assistir de perto os exercícios de guerra. Nos dias treze e quatorze daquele mês, a Fábrica de Piquete recebeu a visita do General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro da

Guerra, que se fazia acompanhar de seu Ajudante de Ordens e de oficiais de seu gabinete. Visitaram, nessa ocasião, as oficinas e dependências da Fábrica, bem como as novas instalações da fábrica de pólvora de base dupla. Entusiasmados com a grandiosidade das obras, incluíram a visita do Presidente da República a Piquete. No dia 23 chegaram os Generais de Brigada Artur Sílio Portela e Amaro Soares Bittencourt, respectivamente Diretor do Material Bélico e Sub-Chefe do Estado Maior do Exército, os quais vieram preparar a visita do Presidente da República. No dia seguinte, 24 de outubro, deixando por algumas horas as manobras militares, o Presidente Vargas veio pela segunda vez a Piquete. Chegou à Fábrica por volta das 14h30min, acompanhado do Dr. Adhemar de Barros, Interventor do Estado de São Paulo, e dos Generais Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, Valentim Benício da Silva e Meira de Vasconcelos, bem como de outras pessoas de destaque do Estado Maior. Aguardavam sua chegada os Generais Artur Sílio Portela, Amaro Soares Bittencourt e Luis Sá Afonseca, responsável pelas obras da Base Dupla, bem como o Diretor da Fábrica e todos seus oficiais, o Prefeito de Piquete, José de Brito Junior, e oficiais da 2ª Residência da Comissão Construtora da Fábrica de Base Dupla e de Nitroglicerina. Dispensando as honras de estilo, o Presidente Vargas dirigiu-se logo às novas construções apreciando tudo e dando mostra de satis-

fação. Após uma hora e dez minutos de visita às obras fabris, o Presidente e demais presentes foram recebidos no Círculo de Oficiais da Fábrica de Piquete, onde foi servido um rápido lanche. Pouco tempo depois, retirou-se, declarando à Direção da Fábrica achar-se satisfeito com o que vira, que demonstrava grande soma de trabalhos já realizados. As obras seguiram rápidas, de maneira que em 15 de março de 1941, aniversário de fundação da Fábrica, foi inaugurado um novo grupo fabril, constituído das fábricas de nitroglicerina, dinamite, pólvora de base dupla e de um novo laboratório experimental. Na ocasião, em reconhecimento ao grande incentivo dado pelo Governo Federal à expansão da Fábrica de Piquete, por ato Ministerial e Aviso nº 3.231, a mesma passou a denominar-se Fábrica Presidente Vargas.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pedemeiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Seu Piquetinho

O apelido, adquirido no Exército, faz jus ao pequeno porte desse simpático senhor. Não lhe caberia, porém, se fossem levadas em consideração sua imensa simpatia e disposição.

Oswaldo da Silva Rosa, filho de Antônio da Silva Rosa e Benedita Maria Monteiro, nasceu em Piquete, no bairro do Itabaquara em 17/08/1918. O pai trabalhava na Fábrica de Pólvoras, na pedreira: "Ele saía de casa, a cavalo, às 4h da manhã... Era uma viagem todo dia..." Diz que é uma das poucas lembranças do pai, que morreu num acidente nesse trabalho, em 13/03/1924.

Criado, então, pela mãe, seu Piquetinho cresceu no Itabaquara. Estudou até a quarta série na escola do bairro e cita as professoras Nina Cunha e Pequenina. Mais tarde, trabalhou nas fazendas de Liquito e José Penha, tirando leite. Quando comenta sobre o trabalho, gesticula imitando os movimentos da ordenha, e sorri inconscientemente. Fazia o transporte do leite no lombo de burros até a Estação Ferroviária Rodrigues Alves: "Era um percurso difícil. Em época de chuva, a dificuldade era maior ainda...". Nesse trabalho, Piquetinho atravessou a Revolução de 1932. "Os soldados, entrincheirados atrás da Matriz Velha, exigiam salvo-conduto para o trânsito entre Piquete e o Itabaquara. Como eu passava todos os dias, eles nem me exigiam o documento...". Lembra, também, das trincheiras que ajudou a cavar nesse período de "guerra". "Eram enormes e protegiam o povo quando passavam os aviões..." Além do leite, os burros transportavam cachaça para a venda de Serafim Machado. "Mas disso os soldados não sabiam...".

Em 9 de agosto de 1937 foi contratado pela Fábrica. Trabalharia, assim como o pai, na pedreira. Seu Piquetinho conta pitorescas histórias sobre as atividades que exercia, como testar a pólvora: acendia diversos rastilhos e corria para se esconder... "As explosões mandavam pedras para todos os lados, inclusive nas casas próximas...".

Assim foi até que, em 1941, a 10 de agosto, foi mandado pela Fábrica para servir ao Exército em Itajubá/MG. "Era pra ficar lá um ano, mas durante esse período Getúlio declarou guerra à Alemanha e acabei ficando por lá mais de três anos". Nesse período de



Exército foi que conheceu a esposa, Angelina dos Santos Rosa, mineira de Lambari. Conta, recatadamente, que a conheceu em Itajubá: "cheguei a visitá-la em casa, mas sem compromisso... Uma vez, caí de cama e fui pra enfermaria... Ela veio me visitar... Daí senti que tinha algo mais...".

Em 20 de outubro de 1944 deu baixa e voltou para Piquete, reassumindo suas funções na Fábrica. Foi aí que o namoro engrenou. Casaram-se a 5 de setembro de 1946 e tiveram sete filhos, muitos netos e bisnetos – "Já sou até tataravô".

A Fábrica foi sua grande escola. Fala com propriedade do trabalho que exerceu após ser transferido da pedreira para o Laboratório Central. "Não queriam me transferir de jeito nenhum. O major Rocha Lima, precisando de um servente, aproveitou as férias do meu Mestre, Monte Claro, e efetivou minha transferência... Quando Monte Claro voltou, reclamou muito e nem aceitou um substituto...", conta com orgulho. Piquetinho ficou pouco tempo como servente; quando se aposentou era Técnico de Laboratório. Cita produtos e procedimentos químicos com conhecimento que, certamente, deixaria muitos engenheiros da área para trás em qualquer avaliação.

Bem humorado, com uma memória privilegiada, especialmente para datas e números, Piquetinho diz que, desde sua aposentadoria quis apenas descansar. "Cheguei a recusar uma proposta para voltar, logo após a aposentadoria em 1973. Mas nem dei conta...". Apesar do pouco estudo, demonstra conhecimento e cultura, além de sabedoria de vida. Com quase 91 anos, é invejável a destreza com que pedala sua bicicleta pelas ladeiras de Piquete: "devagar, mas sempre", diz.

Notas

☒ **Jongo de Piquete**

A comunidade jogueira de Piquete está de parabéns. Levando à frente seu objetivo de resgatar e divulgar essa tradicional manifestação cultural, vem participando de diversos eventos nacionais e internacionais.

A Fundação Christiano Rosa orgulha-se desses resultados, pois eles confirmam a importância de suas pesquisas e da elaboração do dossiê do Jongo de Piquete que, somados aos trabalhos sobre outros grupos, fez parte do inventário que proporcionou o registro do Jongo pelo IPHAN, como Patrimônio Imaterial.

Calendário do Jongo

A FCR recebeu um calendário temático ilustrado com imagens dos mestres jogueiros do Sudeste, responsáveis pela transmissão dos saberes desses mestres às novas gerações. O calendário é uma homenagem a eles e traz datas de festas, celebrações e eventos dos territórios jogueiros da região.

"Jongo de Piquete" na Venezuela

Mestre Gil representou o "Jongo de Piquete" no II Encontro Sul-americano das Culturas Populares realizado entre os dias 26 e 29 de novembro de 2008, em Caracas, na Venezuela. O evento, que teve como tema "Revelando experiências políticas e manifestações", contou com a participação de diversos países da América Latina e Caribe, além de representantes de organizações internacionais como UNESCO e OEA.

"Jongo de Piquete" no Ceará

Aconteceu entre os dias 2 e 6 de dezembro, em Juazeiro do Norte, no Ceará, o IV Encontro Mestres do Mundo, no qual o Jongo de Piquete também marcou presença. Paralelamente ao Encontro, aconteceu o II Seminário Nacional de Culturas Populares. Os eventos, juntos, receberam, mais de quinhentos visitantes entre mestres, jornalistas, observadores pesquisadores, estudiosos, artistas.

☒ **IX Torneio Interestadual de Futebol**

Aconteceu entre os dias 11 e 17 de janeiro, em Piquete, o IX Torneio Interestadual de Futebol Pré-Mirim a Juvenil.

A edição deste ano contou com equipes de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais e cerca de 800 atletas divididos em diversas categorias. Vale ressaltar que é exigência da organização que todos os participantes estejam estudando para serem aceitos.

Todos os jogos aconteceram em Piquete e foram disputadas as categorias Juvenil, Infantil, Mirim e Pré-Mirim.

Piquete sagrou-se campeão na categoria Juvenil, com a equipe Pirralhos. Nas três outras categorias, as equipes de Volta Redonda foram as vencedoras: Infantil: Aeroclube de Volta Redonda; Mirim: Equipe Aeroclube de Volta Redonda; Pré-Mirim: Volta Redonda Futebol Clube.

O encerramento do torneio aconteceu no Campo do Estrela e contou com a presença de inúmeros torcedores, que vibraram por suas equipes.

Grupo de funcionários do Laboratório Central em que seu Piquetinho trabalhou até a aposentadoria.



O ideário fundador da Fábrica Presidente Vargas

O ano de 2009, ora em curso, marca, no calendário gregoriano, o centenário da Fábrica Presidente Vargas, hoje componente da IMBEL.

Integrada à trajetória da cidade de Piquete, nela instalou-se pouco tempo após a emancipação política (15/06/1891). A Fábrica, inaugurada a 15 de março de 1909, frutificou uma idéia ensejada pela República, o Exército e os militares engajados no pensamento positivista, como produto do contexto dos finais do século XIX, com focalização no cientificismo.

Segundo analistas sobre a ação do Positivismo como influente nos grandes eventos que marcaram a História do Brasil, esta doutrina estaria manifestada desde o processo da independência para explicar a influência de Augusto Comte, o pai do Positivismo, cuja morte foi lembrada em setembro de 2008, após 150 anos decorridos. Aos defensores dessa corrente importa, principalmente, a idéia do progresso contínuo. As relações constantes notadas nos domínios ou leis que existem entre os fenômenos são, para os positivistas, o ápice do entendimento científico e do conhecimento baseado na observação. Para os positivistas até os fenômenos sociais, além dos físicos, como os componentes das ciências exatas e biológicas, podem ser reduzidos a leis gerais como as da Física.

A palavra fertilizadora do pensamento positivista, apoiada nos conceitos defendidos por Comte, é a que se registra como harmonia. O que se pretende evitar é a oposição entre as classes em torno de uma pregação que pretende que a união entre os seres e o trabalho se realize de forma harmônica. Aos positivistas, que contavam com considerável número de adeptos entre os militares, a criação da República acele-

rava a entrada do Brasil na era da ciência. Os grandes sistemas estariam a serviço da harmonia nacional para explicar o funcionamento do corpo social e suas atividades

para comemorar a centenária data. Medida, aliás, digna de referência, pois é nela que estão contidos iconograficamente esses signos como emblemáticos da idéia funda-

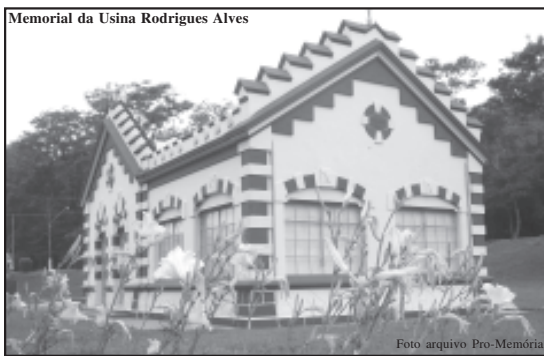
dora. Além de que a memória descritiva e a história dos principais eventos nela estão contidos em imagens e textos para perpetuar o acontecimento. O centenário foi, assim, comemorado no edifício que deu nascimento, forma e conteúdo à idéia, como também ao ideal republicano, cuja ação mobilizadora da declaração não foi, como se registrou popularmente, uma “quartelada”. Para os não suficientemente esclarecidos, a proclamação da República é dada como tal. Gerada em nome do

progresso e da ordem, sob a inspiração iluminista que lhe serviu de lume e luz, a República formou-se, sem alterar a organização conservadora e hierárquica, ambigualmente ao lado das discussões liberais.

Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1789-1857), mais conhecido como Auguste Comte, nascido em Montpellier, na França, ao defender o Positivismo, deu as bases para que, em nome da ordem e do progresso, nossa Fábrica se instalasse para gerar uma fase rica na história da cidade, pela qual a organização social dela emanada se salientasse como exemplo lembrado apologeticamente, como dotado de excelência.

Para a educação positivista, com ênfase no cientificismo e na objetividade ligada ao trabalho, a escola passou a ser um meio de promover a disciplina e o reconhecimento da hierarquia, além de sobrelevar a noção da ordem e do progresso. O Departamento Educacional criado na Fábrica manteve, de maneira relevante, esse paradigma. E essa memória, para os piquetenses seus herdeiros, tornou-se afetiva e nostálgica.

Dóli de Castro Ferreira



Memorial da Usina Rodrigues Alves

Foto arquivo Pro-Memória

produtivas. A solidariedade estimulada no sentido de pregar a união em nome das forças do progresso. O próprio lema da bandeira nacional é de inspiração positivista: Ordem e Progresso. Associados aos militares, defensores da pátria, tendo “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”, os filhos dos barões do café que iam estudar na Europa voltavam com essas idéias para fazer a propaganda republicana e assinar os manifestos ligados ao republicanismo. Mas é importante destacar que o Positivismo ensina a sociedade ordenada pela norma, tendo o Estado como o ordenador máximo, para, desde Maquiavel, no século XV, Bacon, no século XVI, e Hobbes, no século XVII, preconizar o ordenamento jurídico da organização social.

Ao rememorar a ação de Comte como inspirador das medidas que levaram à instalação da Fábrica de Pólvoras em Piquete, a partir de 1909, é relevante admitir a presença de signos e significantes ligados à Maçonaria em imagens explicitadas no edifício da Usina Hidroelétrica Rodrigues Alves, que abriga o Memorial da Fábrica e é o ícone escolhido pela Diretoria da Imbel

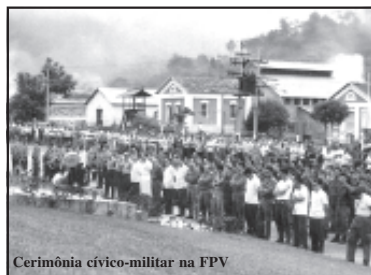
O primeiro centenário da FPV

A Fábrica Presidente Vargas estará completando em 15 de março deste ano seu primeiro centenário. A Fundação Christiano Rosa vem trabalhando, desde sua instituição, para o resgate, preservação e divulgação da história dessa Indústria, que

se confunde com a de Piquete. Neste ano, estará reforçando esse trabalho com mais textos e imagens inéditas sobre a importância social e econômica da FPV.

A partir de fevereiro, estará disponível o site <http://fcrfpv100anos.multiply.com>,

no qual poderão ser visualizados textos e fotos sobre a Fábrica. Além disso, a página poderá ser usada para troca de informações e imagens, e a busca de descendentes de ex-funcionários – civis e militares. Visitem-no e divulguem-no!



Cerimônia cívico-militar na FPV



Oficina na FPV



Desfile cívico

Foto arquivo Pro-Memória

Educação: entre o preservar e o transformar

Laura Cristina Chaves

Por mais contraditório que possa parecer, a educação tem, ao mesmo tempo, a função de conservar e de transformar. É por meio da educação (não só escolar) que o conhecimento historicamente construído pela comunidade é repassado às novas gerações: conceitos, valores, costumes, descobertas...

No entanto, o papel da educação não pode se esgotar na preservação. Tão fundamental quanto a preservação é o papel de provocar a transformação e o avanço da humanidade. Hoje, ao se pensar na situação real do nosso país, sabe-se o quanto essa função transformadora se faz necessária.

Assim, agora que o ano novo chegou e, muito em breve, as escolas estarão recebendo alunos para mais um ano letivo, talvez seja o momento mais adequado para se pensar em como fazer da escola um espaço que vá além da preservação. Ou seja, como fazer da escola um espaço de transformação.

Nesse sentido, mais importante que se pensar nas mudanças físicas da escola ou na mudança dos métodos e técnicas de ensino, é fundamental que se pense em como fazer com que professores e alunos sintam prazer em estar na escola e prazer em aprender. Esse é o grande desafio para 2009, 2010, 2011...

Esse desafio não poderá ser enfrentado simplesmente com a mudança da cor da fachada da escola ou com a mudança de posição das carteiras na sala de aula, desarumando-se as fileiras e transformando-as em círculo. Ou, quem sabe, com a troca do livro didático. Ar de modernidade não é o bastante. Precisa-se mexer nas concepções e nas idéias que se tem da educação, do homem e da sociedade.

Concepções não se mudam do dia para a noite. É necessário tempo, muita reflexão, dedicação e estudo. Além, é claro, da disposição para mudar. Mas, por que não começar já? Ano Novo e um novo olhar sobre a velha e boa escola.

Ciência a serviço da comunidade

Thiago Santos

Piquete, 10 de Janeiro de 2009. As 3h45min da madrugada, dados da Divisão de Satélites e Sistemas Ambientais do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos, entidade vinculada ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (DSA/ CPTEC-INPE), já indicavam a presença de uma tempestade na região dos municípios mineiros de Pouso Alegre e Itajubá. Nesse momento a DSA também já havia produzido informações sobre a provável localidade a ser atingida por essa tempestade, nas próximas duas horas. A previsão era de que a tempestade atingiria a região de Piquete por volta das 5h45min. Foi neste momento que os rios da cidade começaram a transbordar devido ao afunilamento de suas calhas pelas construções irregulares.

A tempestade que atingiu Piquete foi prevista e monitorada pelo FORTRACC, um programa computacional, que utiliza imagens do satélite norte-americano GOES-10 (Geostationary Operational Environmental Satellite) para identificar nuvens de tempestades. O GOES fica a 36.000km da Terra. Um de seus sensores, capta a radiação infravermelha emitida pelas nuvens e produz

uma imagem de toda a América do Sul, seja de dia ou à noite. As imagens são geradas a cada 15 minutos e estão em 256 diferentes tons de cinza que representam a temperatura das nuvens. Por meio da temperatura de brilho da nuvem é possível determinar sua altitude. Sabendo-se que as nuvens de tempestade são frias e altas (podendo ultrapassar 15km de altitude) o FORTRACC classifica as áreas de tempestades e de não tempestades.

O mais importante é que qualquer cidadão pode ter acesso ao monitoramento de tempestades que assolam sua região, quase que em tempo real. Os dados são demonstrados na página do CPTEC (www.cptec.inpe.br), na opção "Satélite". As ferramentas são de fácil utilização e totalmente gratuitas. Dessa forma, entidades públicas, a Defesa Civil Municipal, os **gestores** e a sociedade podem alertar os moradores e, com antecedência, tomar medidas quanto às áreas de riscos, utilizando-se de conhecimentos adquiridos por pesquisadores valeparaibanos. Isso permite a diminuição do risco de acidentes e de prejuízos preservando vidas.

Obama e Piquete

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

O mundo inteiro assistiu, no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, à posse do novo presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, vitorioso em uma das mais acirradas disputas eleitorais da mais rica e poderosa nação da Terra.

A posse de Obama foi emblemática em diversos pontos, especialmente por ser ele o primeiro negro a chegar ao comando do governo daquele país. O novo presidente carrega uma pesada expectativa do mundo inteiro, entre outros motivos porque assume o poder em meio a uma crise econômica mundial deflagrada por seu país e também porque substitui um dos mais mal avaliados governos da história dos EUA.

Pois bem... Certamente há os que estão se perguntando por que "O Estafeta" publicaria um texto sobre a posse de Obama. Para ficar no óbvio, sabe-se da influência dos EUA no mundo todo; portanto, o que acontece lá interessa também ao mundo todo, inclusive aos nossos leitores. Mas o foco deste artigo não é o poder dos EUA e sim a presença na posse de Obama de todos os ex-presidentes vivos dos EUA – partidários ou não – e até do candidato derrotado.

Numa nação polarizada em dois partidos, a presença de "inimigos" demonstra uniformidade nos objetivos: todos querem o restabelecimento do país. A mim fica clara a ciência de que um "ex" pode e deve colaborar com o "atual". Um Conselho de ex-presidentes é fundamental para qualquer "novato"; afinal, Obama nunca fora presidente, enquanto os "ex", juntos, representam décadas de experiência. Isso acontece no Brasil? Ex-presidentes brasileiros mantêm-se em cargos eletivos ou como cacifes de partidos por força das oligarquias que dominam em sua região de origem, não por amor ao país. Desconheço um Conselho por eles formado.

Aproximemo-nos mais... Em Piquete... Quantos são os ex-prefeitos vivos? Qual sua atuação na administração ou na definição de políticas para o município que um dia comandaram? Acredito que a colaboração poderia ser inestimável se houvesse objetivos comuns nesse restrito grupo. A palavra final cabe ao prefeito atual – legítima e legalmente eleito. No entanto, um "Conselho de Notáveis" poderia ajudá-lo em decisões que devem levar em consideração o histórico da cidade; projetos poderiam ser propostos e até mesmo coordenados por esse Conselho.

Obama elegeu-se com o slogan "Yes, we can!", ou "Sim, nós podemos!". Por que Piquete também não pode? Sim, nós podemos! Podemos nos desenvolver tecnologicamente, podemos ter melhores escolas, podemos ter saúde de qualidade, podemos ter lazer saudável, podemos ter um meio ambiente equilibrado. Do discurso de posse de Obama, extraí o trecho "(...) Em todo lugar que olhamos, há trabalho a ser feito", perfeitamente aplicável a Piquete. Obama pede a colaboração dos americanos. Em Piquete, é necessária a colaboração dos piquetenses. Vamos lá: nós podemos!

Crônicas Pitorescas

A pedra

Palmyro Masiero

Meu cunhado andou com uns problemas de “dores de estômago” e para todos que reclamava recebia sempre idêntico diagnóstico: úlcera. Afinal, de poeta, médico e louco todo mundo tem um pouco, já dizia não sei quem, não sei onde e nem há quanto tempo! Tratamento caseiro resolve: “Fulano, beltrano, cicrano, e o diabo a quatro, ou cinco, ou seis, todos se curaram com sucos e chás de confei”. E maus meses passaram, com meu cunhado confeizando, com resultados paliativos. Quando a porca torceu o rabo, resolveu procurar um médico. Diplomado. Chapa daqui, dali, e o resultado: pedra na vesícula. Pensei escrever cálculo para esnobar, mas calculo ser coisa mais concreta, embora essa dele não precisasse de concreto e sim de um pouco de nitroglicerina. Não houve outra alternativa: entrou no bisturi. O cunhado está aí, bonzão!

Foi justamente refletindo sobre o problema que o afetou, que vieram à lembrança meus tempos de jovem. Também tive uma séria questão com pedra, mas não na vesícula biliar, bexiga, bacinete ou onde mais brote pedreira. Minha invocação era com a pedra de Carlos Drummond de Andrade. Conclui-se tratar de pedra poética.

Claro está que na época não tinha condições – continuo sem ter – de analisar o fase do vate, se era desvairismo ou de verso-piada e muito menos que estava utilizando o processo rítmico da repetição. Meu caso era com a pedra! Se ele escreveu “Nunca me esquecerei desse acontecimento // na vida de minhas retinas tão fatigadas”, referindo-se a “No meio do caminho tinha uma pedra // tinha uma pedra no meio do caminho” incontestavelmente ele “viu” a pedra.

Se o poema “No meio do caminho”, “que se tornaria pedra de escândalo literário” quando de sua publicação na Revista Antropofagia, de São Paulo, em 1928, serviria, no dizer do próprio Drummond, “para dividir... as pessoas em duas categorias mentais”, contesto-o, pois se esqueceu de uma classe: a dos adolescentes que andavam interessados na pedra! Não no intelecto...

Ele “viu” a pedra! Coisa evidente! Qual seu tamanho? Que detalhe sutil a diferenciava das outras, para que jamais dela se esquecesse? Seria a pedra preciosa tipo

diamante, água-marinha, ametista, topázio, opala, esmeralda? Ou, quem sabe, teria descoberto a “pedra filosofal” escondida por algum alquimista da Idade Média que andou lá pelas Geraís? Embora nisso não acredite, pois o poeta aposentou-se como funcionário público. Teria algum galo expelido alguma “pedra alectória” que ele apanhou? Até que possível, dado sua propriedade maravilhosa de poeta! Porventura seria sua “pedra angular” ou uma desorientada “pedra de ara”? Pode ter sido mordido e se curado como uma “pedra de cobra”!

Sem nenhuma pista sobre o dito caminho por onde andou, sem nenhum desrespeito, até que poderia dar de cara com alguma “pedra de escândalo”! Quem sabe, “pedra de tropeço”? O mais provável é que tenha encontrado a “pedra fundamental” de sua poesia e, num diálogo silencioso com o seu “alter ego”, lhe confidenciasse os rumos dela e resolvesse pelo mutismo a descoberta como uma “pedra que cai num poço”!...

Essa sua pedra, mestre Drummond, virou “pedra no sapato” e na cueca de um jovem que gostava de bola e de poesia. Este gosto foi que o levou a profundas especulações sobre ela! Verdadeira pedreira!...

Espera aí... Na fase anterior, de moleque calça-curta e pés-no-chão, no meu caminho não tinha uma pedra... Puxa! No nosso campinho de rachas tinha pedras de dar com o pau! E não era com pauladas que dava nelas, era com o dedão do pé! Volta e meia, lá estava ele enrolado em gaze por causa de uma pedra. Uma pedra interpondo-se entre o pé descalço disparado para o chute e a bola. Na certa, se me ocorresse, escreveria: “nunca me esquecerei que naquele chute encontrei uma pedra entre o dedão e a bola”! Se a retina a tivesse captado antes, o éter e o iodo não teriam provocado mais dores, além da unha rachada.

Seja lá qual tenha sido a pedra do poeta, que talvez até já a tenha esquecido, embora ele tenha dito o inverso, dizem que no mundo todos carregam sua cruz; permita-me, mestre, fazer uma analogia: nessa vida, ninguém passa sem sua pedra! Muito menos estilingue, que os adultos transformaram em terrível arma, chamada desamor, e que vivem com ele constantemente pendurado ao pescoço.

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

Fernando Pessoa (1888-1935)

Amoreiras do seu Viana

Edival da Silva Castro

Quando chegava a época das amoras, meus pais ficavam de olhos na hortelã e tiravam do baú o chifre de carneiro...

Na casa onde morava o seu Viana, a última do corredor da Av. Gen. Gomes Carneiro, existiam pés de amora-preta, que, carregadas de frutos, atraíam a criançada e, principalmente, as aves, tendo em vista a qualidade das amoras.

Com autorização de um dos donos, adentrávamos o jardim defronte à casa. As amoreiras ficavam às margens de um pequeno riacho, no fundo do quintal. Descíamos alguns degraus de escada feitos no próprio barranco e logo estávamos disputando as amoras com as aves frugívoras. Eram sabiás-laranjeira, sanhaços, saíras multicoloridas, trinca-ferros e até almas-de-gato, que, apesar de serem insetívoras, eram flagradas no riacho bebericando junto aos patos e galináceos. Os bichos-da-seda, que faziam das folhas alimento, ninguém ligava para eles. Lá o silêncio era quebrado com o pio e o bater das asas das aves.

As amoreiras do seu Viana eram famosas. Às vezes, encontrávamos meninos e marmanjos de outros bairros se deliciando dos seus frutos. De vez em quando, subíamos em seus galhos a fim de colher as graúdas lá de cima e encher a sacola. O suco de amora gelado descia bem.

Tinha vez que a gula era tanta, que dava uma dor de barriga de rolar pela cama; porém já era prevista. Aí a mamãe ia até ao fundo do quintal, apanhava um tanto de hortelã, colocava numa frigideira, raspava o chifre de carneiro sobre ela e levava ao fogo. Quando a mistura estivesse bem quente, passava na barriga, e pronto: num minuto o nó da tripa se desfazia...

Dias depois, começava tudo outra vez...



Acesse, leia e divulgue o Informativo da FCR
“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Salvemos a nossa cidade!

Salvemos a nossa cidade da destruição! Ameaçada por fortes chuvas, enchentes e a catastrófica destruição das encostas fragilizadas, Piquete tornou-se, mais uma vez, referência de perdas no regional Valeparaibano.

A paisagem que invocamos e evocamos como bela, de localização privilegiada pela natureza, manifesta-se pelo seu lado perverso, isto é, pelos perigos que contém, perigos que os humanos têm como resultado de suas ações predatórias. Os males que temos sofrido com as perdas dadas pelas enchentes e a erosão turbilhonante não são devidos “à ação exclusiva da natureza”. Nelas estão as formas do uso indevido dos elementos naturais pelos habitantes não suficientemente esclarecidos que, por exemplo, jogam o lixo no ribeirão. Percorrer trechos ao longo do ribeirão Piquete e seus formadores e tributários, como fiz logo em seguida às festas do final do ano, permiti-me observar o número elevado de sacolas de lixo – sacolas de supermercado reaproveitadas para esse destino.

É errado pensar que o ribeirão carrega o lixo. Pode até carregar um pouco para mais longe, mas grande parte é depositada, desagregada, decomposta e reagregada por ação físico-química, formando concreções. Nestas, restos orgânicos de animais combinam-se para criar solo ao qual se instala a vegetação. Ilhas de restos combinados intermedeiam a corrente fluvial contribuindo para o assoreamento dos fundos e, por consequência, para configurar o caráter violento das enchentes. A água, em ação acelerada, acumula-se: a tendência é subir, e, em seguida, por sobreposição, invadir as margens, as encostas, as ruas e as casas adjacentes desprotegidas.

Faltam paredões consistentes e frequen-

temente mantidos. Falta, inclusive, a proteção natural que se constitui pelas matas ciliares. Lembro-me das densas formações dos caetês, ao longo dos vales, com as folhas largas e acetinadas, boas para abrigar as pamonhas, e os cachos de flores brancas dos bastões de São José pontuando o verde forte das folhas. E o agrião da beira d'água. As amorinhas e inúmeras ervas e frutinhas. Tudo destruído. Até os soberbos bambuais estão sendo destruídos – verdadeiros paredões de contenção que, por sua mobilidade, são recursos naturais de manutenção do equilíbrio. Difícil discutir sobre por que mantê-los. Argumentos negativos se sobrepõem para fazê-los desaparecer. Saem os bambuais, entram as enchentes, e com elas a podridão do lixo acumulado nas águas e a possibilidade das doenças. A invasão das casas e o desespero dos moradores.

Chuvas fortes se associam a calor forte. Muita concentração de umidade proveniente da evaporação das águas e transpiração das matas de encosta. Formam-se nuvens pesadas que se penduram porque são pesadas e emitem trombas como as dos elefantes. Essas trombas, tocadas pelo vento, formam espirais e atingem os picos. Do choque, as águas derramam-se pelos vales em catadupas violentas. São as trombas d'água. Tudo roda. Até as pontes, as casas e os bens. Perde-se tudo. Assiste-se sem ação. Não se pode fazer nada? Nesse momento, quase nada, a não ser tentar salvar-se, senão a água leva. Já vi, em outros tempos, morando em casa do meu avô paterno, muitos animais arrastados pelas correntes; capivaras, por exemplo. Quando podiam, escapavam, como que por um milagre. Saíam desesperadas das águas barrentas para as margens. Às vezes,

acompanhadas de um ou outro filhote. Imagens do passado, necessárias para alimentar o presente. Quem não valoriza o histórico de sua comunidade vive apenas por imitação. O que é pouco.

E, pensem: se o calor é forte é devido à ação global, cujo aquecimento não apenas se registra, como se acelera.

Pesquisas recentes dão conta das transformações negativas no meio ambiente devido à intensificação do aumento das temperaturas. Há locais com acréscimo de 9°C no total geral, em apenas duas décadas. Mais calor, mais chuva. E chuva forte. Evento catastrófico nos ambientes desprotegidos – de curta duração e de efeito prolongado.

É preciso aprender a lição. Não destruir mata de encosta e de várzea. Não substituir mata heterogênea, rica em espécies e andares, por mata homogênea, como a dos eucaliptos. Não destruir os importantes bambuais, protetores, além de belos. E, principalmente, não atirar sacolas de lixo nos preciosos rios que conformam em seus vales “a cidade paisagem” que habitamos, entre as fileiras de morros e as montanhas da Mantiqueira, aquela que chora, às vezes violentamente, na etimologia que a nomeia. E nos faz orgulhosos montanheseiros. Sejamos, no mínimo, lúcidos, para aprender as lições dos estragos que nos rodeiam. E, se em nome do progresso a humanidade faz acelerar as emissões do gás carbônico e o calor atmosférico, procuremos ser conscientes da necessidade de nos proteger, respeitando nosso meio ambiente.

Aprendamos a usar nossas forças sociais em nome da vida e da luz que nos fizeram nascer neste belo recanto da natureza.

Dóli de Castro Ferreira



Fotos arquivo Pro-Memória



A administração pública é um grande desafio

Pe. Fabrício Beckmann

No dia primeiro de janeiro, tomaram posse em todo o Brasil os prefeitos e vereadores eleitos pelo voto popular para conduzirem nossos municípios. No documento de Aparecida, produzido pelos bispos na quinta Conferência do Episcopado Latino Americano, está registrado no nº 77: “Cabe assinalar, como grande fator negativo em boa parte da América Latina, o aumento da corrupção na sociedade e no Estado, envolvendo os poderes executivo e legislativo em todos os níveis, o que coloca em sério risco a credibilidade das instituições públicas e aumenta a desconfiança do povo (...). Isto faz com que, em muitos setores da população, especialmente entre os jovens, cresça o desencanto pela política e particularmente pela democracia”.

Este contexto denunciado pelos Bispos reunidos em Aparecida exige um compromisso maior com a ética no exercício da política. A honestidade e a clareza no uso do dinheiro público são um dever que se impõe a todos os que administram os bens do povo. A cada ano, as Prefeituras municipais são obrigadas pela Lei de Responsabilidade Fiscal nos artigos 48 e 49 a fazer a prestação de contas, expondo oficialmente à população, de modo simples e acessível, todas as receitas e todas as despesas, para que o povo saiba onde está sendo investido o seu dinheiro. Conhecer as contas públicas é um direito que deve ser exigido pelos cidadãos.

Aos senhores vereadores e à população, cabe o dever de fiscalizar e acompanhar a administração pública, e denunciar ao poder judiciário qualquer irregularidade constatada. A Prefeitura e a Câmara devem incentivar a participação da população na discussão de planos e orçamento, que acontecem a cada ano no município. Este acesso às contas públicas e o incentivo à participação popular na administração ajudam muito a resgatar a confiança nas instituições públicas e favorecem a democracia.

Os poderes executivo e legislativo devem ser independentes e possuir auto-

nomia. Quando um interfere e manipula o outro, se rompe equilíbrio e facilmente se instala uma política autoritária; então, o uso do poder se torna arbitrário e abusivo.

O poder público, constituído pelo povo, deve reconhecer a legitimidade das diferenças. Não pode favorecer cidadãos alinhados com as autoridades eleitas, e não pode criar constrangimentos ou prejuízos aos cidadãos que não partilham da ideologia partidária que assume o poder político num município. Nossas autoridades devem se empenhar em servir à população e dela cuidar sem fazer distinção de pessoas.

Somente uma parcela da população deve ser privilegiada pelo poder público: os mais empobrecidos. Estes devem encontrar o apoio necessário para que conquistem a sua dignidade. Esta ajuda, porém, não deve ser apenas assistencialista, é preciso lutar para que cada vez mais os cidadãos e as cidadãs de nossos municípios, com orgulho, providenciem com o próprio suor o seu pão-de-cada-dia. Para isso, é necessário um sistema educativo eficaz para que crianças e jovens se preparem para o mercado de trabalho. É preciso qualificar os adultos, apoiar a economia local e criar infra-estrutura, para que mais riquezas sejam geradas e haja mais emprego para o nosso povo.

Outro grande desafio da administração pública é a manutenção dos recursos hídricos, da vegetação nativa remanescente e demais patrimônios naturais, bem como o cuidado com os patrimônios histórico, cultural e arquitetônico existentes nas cidades. Os ecossistemas e também os bens culturais possuem, em muitos lugares, sérias ameaças. Cuidar da Terra, nossa casa comum, e das ricas heranças culturais que recebemos, é um dever de todos, sobretudo daqueles que são os responsáveis em criar as políticas públicas necessárias para isto.

É grande o desafio aos poderes executivo e legislativo municipais. Que não falem empenho e compromisso com o bem comum às autoridades empossadas em nosso município. Que contribuam muito com o progresso de nossa gente!

“Desenvolvimento sustentável é conseguir, permanentemente, os benefícios do ecossistema, sem destruí-lo. Ou seja, colher todos os dias os ovos de ouro, sem matar a galinha que os põe”.

Samuel Murgel Branco

Paulistices

Abigayl Lea da Silva

Paulistas são os brasileiros que ouvem, na voz do vento, o canto de Bartira.

Paulistas são um cordel humano ao comando da memória do velho pai João e do avô maior, o cacique Tibiriçá.

Paulistas são os curumins do Colégio de São Paulo e as tropas dos bandeirantes.

Paulistas são os fazendeiros de café com seus escravos africanos e trabalhadores imigrantes.

Paulistas são os estudantes de direito do Largo de São Francisco.

Paulistas são os estudantes mortos em 32 e o fracasso da revolução.

Paulistas são os que, na derrota, compreenderam que a arma por excelência é o livro e a escola é o melhor quartel.

Desde 1934, os paulistas revigoraram as bases do conhecimento e, realizando seu trabalho com o bafejo da ciência, produzem, há bom tempo, mais de um terço (1/3) do PIB brasileiro.

Na evidência da colheita profícua dos frutos da educação, os paulistas interrompem sua lida para meditar na trajetória de duas mulheres que pontificaram na reconhecida vitória.

Em junho, perdemos Ruth. A que fez do caminho de Araraquara a capital. A que virou antropóloga e professora. A que abraçou a tarefa de cortar as amarras da pobreza sem assistencialismo. A que deu vida ao programa Comunidade Solidária.

Ruth, 77 anos presente na história dos paulistas.

Em setembro, despediu-se Esther, a pioneira – a primeira mulher a comandar um ministério no país; a primeira reitora de uma universidade paulista.

Advogada e professora, foi honrada com a 36ª cadeira da Academia Paulista de Letras.

Esther, 93 anos construindo o melhor em benefício do Brasil.

Prosaico é falar em infarto fulminante e acidente vascular cerebral.

Vamos pedir uma coroa ao poeta Guilherme e acrescentar vozes ao canto de Bartira.

São Paulo começa 2009 mais pobre. Ruth e Esther não estão mais em nossa companhia.

De mãos dadas com Bartira, insuflam nos ouvidos dos paulistas o amor ao trabalho fundamentado na ciência.